

Sinceras felicitações, alteza!

Colheu mais uma rosa, no melancólico jardim de seu crepúsculo, quasi clandestino, no assoado pudor da Holanda, a última sombra de Bismarck. Os jornais falaram na data e o mundo recordou, com o café daquela manhã, durante a pausa efêmera de alguns segundos, o capacete prussiano que rutilava ao sol de necroterio daquele distante 1914, e os bigodes verticais como baionetas que ilustravam o primeiro plano de todas as charges da imprensa universal.

Apenas.

O drama do homem rompeu-se em fragmentos. Antes de Serajevo o Kaiser era um reclame internacional sobre um fundo de apoteose em cuja luz abria as azas de nanquim a agulha moderna da inquieta e desconfiada Europa.

Durante a guerra era odiado. Mas teve sempre amigos. Até mesmo na revolução. Foi assim que realizou Dorn, a corrida trágica por entre as ruínas ainda soluçantes das cidades de seu Império, que a torrente imóvel da lua, naquela noite da fuga, enchia de fantasmas e amortalhava num silencioso desespero.

Relendo ha tres dias uma pagina de Pau! Adan, evoquei aquela figura que encheu todos os cartazes do mundo, enquanto a Europa semeava, empapados no seu proprio sangue, os germens de uma civilização dolorosa que mais tarde viria crear, entre os homens, essa perpetua alucinação economica e social.

Guilherme II, com a Bosnia e com Algeciras já fizera sentir aos povos que o rodeavam, o conceito fundamental que o espirito prussiano creara para ditar á Europa as diretrizes de sua incerta e perigosa jornada.

E foi assim, com gestos espagados que ficaram fulgurando no cenario aparentemente tranquilo da politica de antes da guerra, que o imperador singular viu crescer em torno a magia de seu prestígio.

Ultimo fantasma do direito divino, o Kaiser, que pela sua cultura enciclopédica aprimorada era, no fundo, um cético, não deixava contudo de aparecer diante dos outros como o mais devotado crente e um dos mais en-

tuslastas pregadores, com aqueles discursos que tinham o sabor bíblico nas grandes horas nacionais.

Depois de Agadir a Europa via na figura de Guilherme II o pivô em torno do qual girava toda uma politica habil e silenciosa de expansão. A Alemanha que permanecera sonolenta durante o periodo da colonização dos mais estranhos climas do mundo pelos aventureiros oficiais da velha Europa, parecia sentir, no seu nebuloso isolamento armamentista, a eclosão de novas forças que irrompiam no seu espirito como a seiva de uma renascença. E era o Kaiser a coluna mestra do inquieto imperialismo do Reno, cuja sombra se projetava sobre todas as côres do mapa continental, partindo dos angulos macios de uma dinastia orgulhosa que irradiava o seu fulgor pelas brumas do mar do Norte, pelas brancas paisagens do Baltico. A Alemanha despertara depois que os povos civilizados, concluindo a partilha do mundo, repousavam na consciencia de sua força creadora do equilibrio europeu.

Depois de Serajevo o Kaiser transfigurou-se na visão sentimental da humanidade. E foi odiado com todo o odio animal de que é capaz a alma feroz dos homens, satanizada pelo axioma da dor. A ele atribuíam todo o cenario para o livro de Barbusse, e todas as tintas ardentes e humanas que, depois, crearam a trágica emoção de Remarque.

Depois do Armistício o nome amaldiçoado foi, aos poucos, se eclipsando, entre o amortecer dos sofrimentos dos mutilados da victoria, e a nova idéa social cujas raízes haviam buscado no humus fermentado da tragedia militar a desesperada e crepitante nutrição. E o Kaiser, aturdido pelo proprio espanto, negava-se a si mesmo, naquele inesperado epilogo em que adormecia na historia o esplendor de um mundo fracassado, e madrugava para a incerteza de destinos novos a nova formula da sociedade humana, a mais recente equação da nossa desesperada miséria.

Ele foi o unico responsavel? Mas, e os nomes que só apareciam nos bastidores e que manejavam todas as forças ocultas?

Os venenos diabólicos mascarados com o colorido químico das anilinas? Os gases que são a alma fluida e navalhante dos canudos da horrível ciencia?

Os Krupp!

E na esfera moral, Haeckel, o misticismo científico, o maior sonho animal na projeção de uma doutrina. Os 92 intelectuais que assinaram o celebre manifesto que corôou o eterno conflito entre a "ciencia dos civilizados e a ciencia alemã!..."

Holanda!

Parece que o reino onde os estabulos são brancos de porcelana assejada e tudo vive a dupla existencia da humida realidade e da lilaz sombra nas aguas paradas, foi arranjado mesmo a proposito para o refugio do Hohenzolern.

Dominando a Scandinavia, a Holanda, a Dinamarca, a Austria, a maioria das nações do Velho Mundo, contudo era a Holanda a melhor indicada pelos laços de parentesco, pela facilidade de fronteiras, para o asilo do ultimo imperador pelo direito divino.

Dorn!

Tão pequena palavra! Dá uma impressão de marca de cerveja. E a gente se lembra daquilo que nunca viu: — a sombra tranquila do castelo isolado na verde frescura das arvores, onde se ouve um repuxo e a agua que canta e o silencio que vem de longe como a remota expectativa de todas as figuras de Remarque, com o seu odio vermelho e cheio de lama...

Como deve ser bom acender um charuto, mais um golão da bier loira, gelada e cheirosa, repotrear-se a gente na ampla maple de couro macio, enquanto fóra a tarde morre, com espasmos de peróia e azul, e iniciar a palestra, em francês arrastado, com aquele que foi o maior monarca da terra!

Fico admirado constatando como é feliz o crepúsculo desse homem culpado e redimido mil vezes!

— Uma entrevista?

— Perdão. Apenas felicito vossa decadente magestade por ter colhido mais uma rosa no triste jardim de Dorn. O mundo já esqueceu o vosso nome de guerra. A Europa madruga para uma nova tragedia...